

A MATERNIDADE EM MEDEIA

Lauro Barbosa¹

Maria Cristina Poli²

A pesquisa de Freud a respeito do feminino anuncia a relação entre a maternidade e o falo quando expõe a ocorrência da equação simbólica falo-filho na dissolução do complexo de Édipo da menina. Freud sustenta que a menina adota uma atitude feminina para com o pai, a fim de uma compensação: “o desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai” (FREUD, 1933/1992, p. 119). Ao aceitar a castração enquanto fato consumado, a menina “desliza – ao longo de uma equação simbólica, diríamos – do pênis para um bebê” (FREUD, 1924/1992, p. 186), de modo que é possível situarmos, em Freud, a maternidade na lógica fálica.

Lacan corrobora até certo ponto com a tese freudiana ao expor na aula de 21 de janeiro de 1975 de *O seminário, livro 22: R.S.I. (inédito)* que, enquanto “um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o dito amor estiver *père-vertidamente* orientado, isto é, feito de uma mulher, objeto *a* que causa seu desejo”, uma mulher se ocupa de “outros objetos *a* que são as crianças”. Em consonância com as fórmulas da sexuação, quando uma mulher exerce a função materna, ela pode situar-se no lugar do sujeito do desejo que busca do outro lado o objeto causa de seu desejo, o que também nos permite afirmar uma estreita relação entre maternidade e atribuição fálica em Lacan.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica Da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor Assistente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Endereço: Folha 31, Quadra 07, Lote Especial, s/n. Bairro: Nova Marabá - Marabá/PA Brasil - CEP 68507-590 – e-mail: laurosb@gmail.com;

² Psicanalista, Doutora em Psicologia pela Université Paris 13, Professora Associada do PPG em Teoria Psicanalítica/UFRJ, Pesquisadora Produtividade/CNPq.

Endereço: Rua Eduardo Guinle, 60/302, Rio de Janeiro/RJ, CEP 22260-090 – e-mail: mccpoli@gmail.com.

No entanto, quando Lacan retoma o ato filicida de Medeia, ele o descreve como o ato de uma verdadeira mulher. Se uma mulher faz de seus filhos os seus objetos *a*, o que significa dizer que o ato de Medeia é o ato de uma verdadeira mulher?

Lacan (1958/1998, p. 772) utiliza a expressão “ato de uma verdadeira mulher” para designar os atos tanto de Madeleine quanto de Medeia. Madeleine, esposa do escritor francês André Gide, “ao se sentir preterida em seu amor, queima as cartas endereçadas a ela, objeto fetiche dele, e, com isso, o atinge no que ele tem de mais caro” (DA ROCHA MIRANDA, 2011, p. 71). Já Medeia, personagem da mitologia grega, mata os filhos quando é abandonada pelo seu marido Jasão, tirando-lhe um de seus bens mais preciosos.

Em Medeia (431 a.C.) de Eurípedes, após Jasão abandonar a família e casar-se com outra, destaca-se de início a manifestação de Medeia sobre a dor da perda de seu amor: “como sou infeliz! Que sofrimento o meu, desventurada! Ai de mim! Por que não morro?” (EURÍPEDES, 431.a.C/2007, versos 115 e 116, p. 23).

Medeia faz crer que perdeu, em consequência, a própria razão de viver: “Qual o proveito de viver ainda? Ai! Ai! Que venha a morte! Que eu me livre, abandonando-a, desta vida odiosa!” (idem, versos 161 a 163, p. 25). Ela diz a Jasão: “eu esperava que, graças ao teu amor, muitas mulheres gregas teriam inveja de uma felicidade que devias dar-me” (idem, versos 581 a 583, p. 37). Para Freud, a condição de angústia sofrida pela mulher diante da perda de amor revela que “não se trata da ausência experimentada pela perda real do objeto, mas da perda do amor por parte do objeto” (FREUD, 1926/1992, p. 135), posto que “ser amada é para uma mulher uma necessidade mais forte do que amar” (Freud, 1933/1992. p. 122).

Em sua investigação sobre o feminino e o crime passional, Neri (2007, p. 22) pontua que, “diante da possibilidade da perda do objeto, a mulher diria: se você me deixar, eu me mato”. Já em pesquisa sobre o gozo no feminino, Da Rocha Miranda (2011, p. 70)

aponta que “o amor pode levar uma mulher à loucura, pois, para algumas mulheres, perder o objeto de amor é perder a razão de viver”, exemplificando a afirmação através de Jeanne Hébuterne, mulher do pintor Amadeo Modigliani, que mesmo grávida de nove meses e com uma filha de dois anos, se mata no dia seguinte da morte do marido, revelando que “a maternidade não conseguiu que a mulher Jeanne se mantivesse em vida sem o seu objeto de amor e paixão” (idem, p. 70).

A tragédia de Medeia evolui de tal maneira que a perda de amor desemboca em ódio contra Jasão e sua descendência: “pobre de mim! Que dor atroz! Sofro e soluço demais! Filhos malditos de mãe odiosa, por que não pereceis com vosso pai? Por que não foi exterminada esta família toda?” (EURÍPEDES, 431.a.C/2007, versos 128 a 131, p. 24).

Lacan (1975-76/2007, p. 98) comenta sobre o *homem-devastação*, especificando a devastação/arrebatamento que o homem pode significar para uma mulher:

Se uma mulher é um *sinthoma* para todo homem, fica absolutamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para o que o homem é para uma mulher, posto que o *sinthoma* se caracteriza justamente pela não-equivalência. Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um *sinthoma*. Vocês podem inclusive articular isso como *lhes for* conveniente. Trata-se mesmo de uma devastação.

Como bem pontuam Campista e Caldas (2017, p. 173) sobre o amor que devasta, Medeia afirma: “que mal terrível é o amor para os mortais!” (EURÍPEDES, 431.a.C/2007, verso 375, p. 32). Ela, devastada pela perda de amor do objeto, expressa o seu ódio: “vezes sem número a mulher é temerosa, covarde para a luta e fraca para as armas; se, todavia, vê lesados os direitos do leito conjugal, ela se torna, então, de todas as criaturas a mais sanguinária!” (idem, versos 298 a 302, p. 29). Ela resolve empregar, então, todos os meios possíveis para vingar-se de Jasão: “sucumbo à minha desventura. Sim, lamento o crime que vou praticar, porém maior do que minha vontade é o poder do ódio, causa de enormes males para nós, mortais” (idem, versos 1226 a 1229, p. 66).

Tomada pelo ódio, Medeia planeja a sua vingança: “Tremo só de pensar em algo que farei depois: devo matar minhas crianças e ninguém pode livrá-las desse fim. E quando houver aniquilado aqui os dois filhos de Jasão, irei embora, fugirei, eu, assassina de meus muito queridos filhos, sob o peso do mais cruel dos feitos” (EURÍPEDES, 431.a.C/2007, versos 903 a 910, p. 52). Quando Corifeu a questiona sobre tal decisão, ela responde (idem, versos 935 e 936, p. 53):

Corifeu: Ousarás mesmo exterminar teus próprios filhos?
Medeia: Matando-os, firo mais o coração do pai.

Medeia executa os próprios filhos. De acordo com Jorge (2010, p. 198), é “como se, após Jasão ter ‘matado’ a mulher em Medeia, só restasse a esta ‘matar’ a mãe em si mesma”. Em diálogo com Jasão, ela comenta a sua terrível vingança (EURÍPEDES, 431.a.C/2007, versos 1552 a 1563, p. 76-77):

MEDEIA: Quis apenas devolver os golpes
de teu instável coração como podia.
JASÃO: Mas também sofres. Nossas dores são as mesmas.
MEDEIA: É claro, porém sofro menos se não ris.
JASÃO: Minhas crianças! Que mãe perversa tivestes!
MEDEIA: Matou-vos a perfídia deste pai, meus filhos!
JASÃO: Mas não foi minha a mão que lhes tirou a vida.
MEDEIA: Foi teu ultraje, teu segundo casamento!
JASÃO: O leito abandonado justifica o crime?
MEDEIA: Essa injúria é pequena para uma mulher?
JASÃO: Se ela é sensata. Para ti, tudo é ofensa.
MEDEIA: Elas já não existem. Sofrerás por isso.

Sabemos que “às vezes, o filho fálico é passível de tamponar, de silenciar a exigência feminina, como vemos nos casos em que a maternidade modifica radicalmente a posição erótica da mãe” (SOLER, 2005, p. 35), no entanto, este não é o caso de Medeia. A maternidade não conseguiu que ela mantivesse seus filhos vivos sem o seu objeto de amor, mostrando “com o ato infanticida até onde uma mulher pode ir quando o homem amado destrói os semblantes que a sustentavam como o objeto causa de desejo” (CAMPISTA & CALDAS, 2017, p. 184).

Conforme bem destaca Da Rocha Miranda (2011, p. 71), se a mulher não existe, o ato de Medeia “é fora da norma fálica, é desarrazoado, é não-todo, é louco e está na existência”, e é, principalmente, carregado de ódio, posto que “nada concentra mais ódio do que o dizer onde se situa a ex-sistência” (LACAN, 1972-73/1985, p. 164).

O ato de Medeia de matar os filhos, seus objetos a , e que ela não tenha dado outra razão para isso senão o fato de “matando-os, firo mais o coração do pai” – o que acrescenta ao ato sanguinário o signo da fúria provocada por vê lesados os direitos do leito conjugal, nos mostra o ato de uma verdadeira mulher na medida em que ela é capaz de “matar” a mãe em si mesma para abrir no ser de Jasão um furo irremediável.

Diante do insuportável, Jasão conclui que lhe resta “somente gemer curvado aos golpes deste meu destino” (EURÍPEDES, 431.a.C/2007, versos 1538 e 1539, p. 76). Tal como Lacan (1958/1998, p. 773) bem expressa, “pobre Jasão, que, tendo partido para a conquista do toção dourado da felicidade, não reconhece Medeia!”.

Referências Bibliográficas

CAMPISTA, V; CALDAS, H. Medeia: o amor que devasta. In: **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, vol. 29, n. 2, p. 173-192, 2017.

DA ROCHA MIRANDA, E. **O gozo no feminino**. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
EURÍPEDES. **Medeia, Hipólito e As Troianas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

JORGE, M. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Vol. 2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

NERI, H. O feminino e o crime passional. In: **Psicanálise & Barroco**. Rio de Janeiro: UNIRIO, v.5, nº 2, p. 07-23, dez. 2007.

FREUD, S. (1924). El seputamiento del complejo de Edipo. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

_____. (1926). Inhibición, sintoma y angustia. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.

_____. (1933). 33ª conferencia: La feminidad. IN: **Obras Completas**. Vol. XXII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1972-73). O seminário, livro 20: **Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1974-75). O seminário, livro 22: **R.S.I**. Inédito.

_____. (1975-76). O seminário, livro 23: **O sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.